

Dissimulações põem Aureliano em xeque

RUY FABIANO

Só um milagre salva a candidatura Aureliano Chaves. Ignorado pela opinião pública e por seu próprio partido, o PFL — que jamais o tratou como um candidato de verdade —, Aureliano enfrenta agora a pressão de alguém cujo apoio buscou no início da caminhada: o ex-presidente Jânio Quadros.

Trata-se de um formidável jogo de dissimulações. Aureliano jura que não renuncia, o PFL (através de seus dirigentes) garante que o apoia incondicionalmente e Jânio, mestre na arte do ilusionismo político, assegura que não pensa mais na Presidência da República.

A verdade? Bem, basta ler pelo avesso. Aureliano e os articuladores de sua candidatura não escondem a amargura com o fracasso. A cúpula do PFL diz que insistir com ele é marchar para o suicídio. E os janistas — incluindo o próprio — proclamam que esse será o casamento perfeito: Jânio (Quadros candidato dos pefelistas).

Sábado próximo, dia 1º, essa tragicomédia vive um de seus capítulos decisivos: a Convenção Nacional do PFL, em Brasília. Nela, Aureliano ouvirá a sentença de suas bases — e nada indica que será favorável. E, a rigor, ele poderá alegar tudo — menos surpresa.

COERÊNCIA

Na verdade, a novela sucessória do PFL pode não ser edificante, mas é coerente. Em momento algum, o partido mostrou-se preocupado em buscar soluções convencionais ou éticas. Seu presidente, por exemplo, o senador Marco Maciel, uma vez constatada a inviabilidade de sua própria candidatura, cuidou de evitar a viabilidade de qualquer outro correligionário. Namorou a candidatura Brizola, do PDT, enquanto

pareceu-lhe viável uma coligação que o contemplasse com a vice-presidência. A presença de Fernando Lyra, seu adversário em Pernambuco, no alto-comando brizolista, alterou-lhe os planos.

Continuou, porém, na contramão de Aureliano Chaves, cuja conduta, aliás, sempre elogia (o que, em política, frequentemente, é apenas um cacete). Sonhou, a seguir, com Jânio, mas, como todos, foi surpreendido pelo furacão Collor. Em meio a essas perplexidades, não deixou de dedicar-se a demolir a candidatura pefelista. Tanto assim que, mesmo sem chances, disputou prévias internas do partido com Aureliano, imaginando que, se não o derrotaria (como não o derrotou), ao menos deixaria claro o desinteresse das bases por candidato próprio.

“ÉTICO DEMAIS”

“O problema do Aureliano é que ele é ético demais”, queixa-se o deputado pefelista José Lins (CE). No jargão político-partidário, a tradução é simples: Aureliano não pratica o jogo dos conchavos, nem dispõe de jogo de cintura para conquistar adesões estratégicas para o partido.

Os pefelistas alinham algumas consequências dessa falta de molejo: não conseguiu, apesar de seu inatacável perfil conservador, atrair apoios militares e empresariais significativos, não empolgou a imprensa e sequer foi percebido pela opinião pública.

Tentar, ele tentou. Não foram poucas vezes em que, pessoalmente ou através de emissários, buscou sensibilizar o dono da Rede Globo, Roberto Marinho. Com o empresário Antônio Ermírio de Moraes, superintendente do poderoso Grupo Votorantim, o maior conglomerado privado do País, teve alguns encontros. Tentou atraí-lo para vice de sua chapa. Fracassou.

O último encontro entre ambos foi em Belo Horizonte, quinta-feira passada. Avaliaram, serenamente, as chances da candidatura. E concluíram que ela estava gravemente enferma. O diagnóstico: síndrome de infidelidade aguda.

JÂNIO

Nesse contexto, Jânio não é propriamente causa, mas consequência. Percebeu, com razoável antecedência, a impossibilidade da candidatura Aureliano — tal como, antes, havia percebido a sua própria, pelo inexpressivo PSD. Desistiu alegando doença, o que possibilitou ao ministro Antônio Carlos Magalhães dizer ontem mesmo, após conferência na Escola de Guerra Naval, que a volta de Jânio não fará mais sentido.

“Fez Ao renunciar a condição de candidato, Jânio, como bom jogador de xadrez, já estava de olho na jogada seguinte: o PFL. Transformou um lance inevitável — a renúncia — num proveitoso acordo político. Através de seu principal assessor, Augusto Marzagão (hoje, assessor especial do presidente Sarney, o que é outro capítulo dessa mesma história, como se verá adiante), propôs a Aureliano: apoiaria sua candidatura até o início de julho, mas se ela não decolasse (como não decolou), Aureliano desistiria e passaria a apoiá-lo. Segundo consta, Aureliano topou. Só que imaginava que apoio era algo bem diferente daquilo que efetivamente recebeu de Jânio.

Os aurelianistas (uma espécie em extinção no PFL) queixam-se amargamente do jogo das dissimulações. Nem todos, porém, são hábeis no ramo. O presidente Sarney, por exemplo, ao dar emprego ao empresário Augusto Marzagão — que é uma espécie de Golbery do Jânio —, deixou claro que não apenas não está fora da sucessão, como também crê na ressurreição daquela candidatura.

RADIOBRAS



ACM na Escola de Guerra Naval: alegação de doença prejudica Jânio